

ROSELEI DELZIOVO SALA

**LINGUAGEM CORPORAL:
UMA FORMA AUTÊNTICA DE COMUNICAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do curso de Licenciatura em
Educação Física do Setor de Ciências
Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Professora Idelzi Terezinha
Massaneiro.

CURITIBA

1997

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a evolução da existência humana. E, principalmente a minha família que me incentivou a continuar esta jornada; ao meu pai e minha mãe pelas primeiras palavras na educação da minha vida; aos meus irmãos pelo exemplo e estímulo de coragem e força, pelas minhas "tátas" que ajudaram nos afazeres domésticos; à minha orientadora Idelzi, pelo carinho e dedicação; aos professores e alunos da UFPR e Unijuí (Câmpus Santa Rosa, RGS); e a Deus pela oportunidade de aprendizagem em minha existência.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia às pessoas que mais amo na vida: Flávio, Flávia e Fernando.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	3
1.3 OBJETIVOS	4
2 REVISÃO DA LITERATURA	6
2.1 ASPECTOS GERAIS SOBRE OS FUNDAMENTOS DA COMUNICAÇÃO	6
2.1.1 As Funções Mentais da Comunicação	7
2.1.2 A Mímica, Gestos e a Expressão Corporal na Comunicação	8
2.1.3 Personalidade na Comunicação	9
2.1.4 A Comunicação do Indivíduo com Ele Mesmo	11
2.1.5 A Motivação e o Controle do Comportamento Humano.....	13
2.2 LINGUAGEM CORPORAL	16
2.2.1 Linguagem do Movimento Corporal	18
2.2.2 A Expressão Corporal.....	20
2.2.3 A Linguagem Silenciosa da Comunicação Não-Verbal	22
2.3 CORPO: QUEM ÉS TÚ?.....	27
2.3.1 Nossa História, Nosso Ponto de Partida	29
2.3.2 Corpo: Uma Construção Cultural.....	30
2.3.3 Buscando a Autenticidade.....	31

2.4	INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE CORPOREIDADE.....	33
2.4.1	Permeando Possíveis Caminhos da Corporeidade na Educação.....	35
2.4.2	Limites da Abertura do Novo.....	38
2.4.3	Educação para a Sensibilidade: Em Busca de Seu Perfil.....	40
2.4.4	Procurando Intencificar a Sensibilidade	42
2.4.5	Entendendo Alguns Pontos de Transformações Sociais Evidenciadas no Século XX.....	44
3	METODOLOGIA.....	48
4	DISCUSSÕES E RECOMENDAÇÕES	50
4.1	LINGUAGEM CORPORAL	51
4.2	A CORPOREIDADE.....	53
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

RESUMO

Este estudo teve como propósito discutir as questões sobre corporeidade. Parte da análise sobre expressão corporal, movimento intelectual que fecundou as discussões sobre o corpo na década de 70. Recupera tais princípios nas discussões atuais sobre corporeidade com apoio de diferentes autores, entre eles produtores do conhecimento da Educação Física de 80/90. Foi possível perceber que a estrutura conceitual e analítica destes dois movimentos não se alterou, apenas incorporou-se a discussão ideológica de forma mais intensa na explicação das relações entre corpo-sociedade-cultura. Retratando que a transformação não é e nem foi única, e que a educação pode contribuir para o processo de formação de um ser humano sensível, ao ponto de saber viver sua própria corporeidade construindo uma consciência social da evolução numa equação razão-sensitiva, na liberdade que respeita as limitações entre o eu e o universo. O entendimento da própria corporeidade enraizada nesse processo, ajuda a contribuir na compreensão do mundo externo.

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Segundo estudo feito por MEDINA (1990), o significativo crescimento de interesse de certas camadas da população pelas atividades do corpo nos últimos anos criou condições favoráveis para buscarmos um sentimento mais humano para a nossa cultura física.

O processo do desenvolvimento do ser humano, seu entendimento enquanto ser humanizado, sensibilizado, essencialmente autêntico, sofre profundas modificações, incorporando vestimentas conformisadas com as estruturas do poder.

Estas relações de poder, de fragilidade, de submissão, de alienação, subjugam uma comunicação recuada, na probabilidade de comportamento, e não em sua expansão enquanto totalidade desse ser. Temos uma comunicação disfarçada de mensagem informatizada e não em mensagem sensibilizada.

As inovações da modernidade da tecnologia, a corrida alucinante atrás do desenvolvimento reduz o corpo, ao âmbito de todas as nossas emoções, como, uma simples máquina, onde as peças juntas formam um todo, passível de concertos técnicos para que assim possa continuar a produzir em prol do consumismo.

Este corpo, sobrevive e não vive mais emoções. Não é sujeito as suas próprias ações, não consegue discernir o que concorda ou discorda, apenas cumpre uma lógica de ética formal, o trabalho, a vida, o descanso, o sofrimento.

Neste seu trabalho, seu exemplo, seu fruto, ou seja, a continuidade de uma história, de um processo, e a colaboração na construção de um mundo melhor.

É necessário entender a grande rota da vida, através de seus processos e manifestações e refletir aquilo que almejamos enquanto qualidade de desenvolvimento, de um ser humano que vive, ou pelo menos procurando significação em sua existência.

Os problemas pertinentes a educação, ao comportamento geral do homem à sua própria liberdade, estão diretamente ligados ao sentido afetivo e comunicação.

"É bom que se entenda que nós não temos um corpo: nós somos o nosso próprio corpo, e é dentro de todas as suas dimensões energéticas, e portanto de forma global, que devemos buscar razões para justificar uma expressão legítima do homem, através das manifestações de seu pensamento, do seu sentimento e de seu movimento" (MEDINA, 1990, p. 12).

O presente estudo objetiva discutir questões que possam apontar superações nas alarmantes limitações, na direção de uma realização existencial e profissional, pessoal e coletiva de maior amplitude possível, na formação do profissional de Educação Física.

Nessa necessidade de se superar o sentido humano no corpo, sugere-se discussões que construam um compromisso de cada um, retratar-se a criança, entendê-la, e proporcioná-lhe em idade escolar, uma prevenção que a gente grande fala que se chama de infelicidade.

No aspecto da filosofia, a necessidade de cultura do corpo, vem através da adoração de Deuses e a este oferecida prova de velocidade, força, etc., o que, atualmente proporciona um maior conhecimento da origem da Educação Física e da forma com que o homem praticava ou movimentava-se.

A partir dessa abordagem, surge no século XX, a Educação Física Escolar, retomando exatamente as necessidades e características da criança e do pré-adolescente,

tomando por base a formação corporal, como um meio de ajudar a criança a trabalhar o seu corpo como um todo. "O currículo escolar é voltado para uma única forma de aprendizagem que é a comunicação verbal e escrita descuidando-se da linguagem não-verbal" (CANDURO, s.d.).

Na busca de encaminhamentos para as questões pertinentes ao corpo, pretende-se visualizá-lo como expressão autêntica e segura no que diz respeito as reações e comportamento, neste processo educativo, visando o bom relacionamento do professor e aluno; solidificando o que SANTIN (1987, p. 16), preconiza ao afirmar que: "não existe outro modo de conhecer o corpo sem senti-lo".

As práticas relacionadas ao corpo exteriorizam a comunicação, forma um elo de relacionamento entre o próprio ser, outro ser e ainda ao universo que os cercam.

E de acordo com o exposto, propõe-se como situação indagadora desse estudo:

Quais os pressupostos norteadores e essenciais para resgatar e delinear a sensibilidade corporal na educação enquanto comunicação autêntica?

1.2 JUSTIFICATIVA

Nossos ancestrais comunicavam-se através de gestos, de analogia de entendimentos e conhecimentos enquanto emoções interrelacionadas, de experiências e vivências primitivas; essa comunicação retratava suas compreensões do mundo.

Na atualidade busca-se esse mesmo entendimento, porém, enfraquecido de clareza e espontaneidade. O estancamento nas emoções, levam a um limiar de criticidade tão baixa que aceita-se apenas, o externo e o sentimento de interno, apenas abafa-se ou ignora-se.

Adentrar-se, aprofundar-se, significa mexer com a nossa vida, nosso compromisso de ser humano, de responsabilidade na tarefa de ser feliz. Não é um compromisso fácil, é uma busca constante que muitas vezes não depende apenas de nós, porém, procuramos nos adaptar com o meio que nos cerca.

Procuramos então buscar uma harmonia dentro de nós mesmos. A grande descoberta só começa quando nos conscientizamos da busca de conhecimento, para entender as inquietações de nosso próprio corpo, do próprio eu.

Esse estudo justifica-se pela necessidade de despertar o interesse do profissional de Educação Física que trabalha tão diretamente com o corpo de seu aluno e com seu próprio corpo, e tem dificuldade de compreendê-los. Considerando a importância do assunto, muitas vezes não levada em conta no contexto escolar, este estudo colocará em evidência o significado dessa dimensão da comunicação humana nas relações pedagógicas e conseqüentemente na formação do(a) professor(a) de Educação Física, acentuando a necessidade e justificando essa abordagem nos estudos sobre a corporeidade humana, assim sendo, propõe-se como objetivo dessa monografia.

1.3 OBJETIVOS

Ao conhecermos novas propostas, novos desafios, novas questões refletimos, analisamos e reduzimos uma realidade visível aos nossos olhos. Para que possamos ampliar essa visão, propõe-se então os seguintes objetivos:

Através desse estudo identificar algumas fontes bibliográficas que abordam a questão da corporeidade na área da Educação Física.

Provocar reflexões nos profissionais da área de Educação Física, permeando seu entendimento corpóreo, enquanto uma corporeidade em sua totalidade para que possam , junto ao educando crescer ainda mais nesse processo de desenvolvimento integral.

Sensibilizar ao profissional de Educação Física para um deslocamento de olhar para essa forma de comunicação na expressão do sujeito sensível.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ASPECTOS GERAIS SOBRE OS FUNDAMENTOS DA COMUNICAÇÃO

O homem usa o fator da linguagem falada, escrita ou simbólica ao transmitir conhecimentos acumulados através da vida e das gerações com um corpo de transição que passa ser patrimônio de grupos sociais e não apenas de indivíduos.

Nesta concepção, BRASIL (*apud* SÁ, 1973), afirma que: "a comunicação é um processo que tem lugar entre indivíduos com um ego, um ponto de vista e uma certa orientação dentro de um esquema de valores morais". Esse processo pode ser considerado completo quando uma pessoa (ou várias) interpreta algum estímulo proveniente da outra. Esta interpretação está sempre vinculada a alguma referência que o receptor tem do emissor.

Qualquer comportamento é comunicativo, até o silêncio. Ao mesmo tempo que indica o estado e as circunstâncias do emissor exerce influência comportamental no receptor.

O caráter "cultura" implica muito, pois, em determinados povos, lugares e épocas pode ser compreendidas de modos diferentes.

Dito de modo concreto, um gesto de alguém.

"Um sorriso forçado, por ex-captado por outra pessoa a quem a mensagem foi dirigida, atinge os centros de associação mental através dos receptores da visão (aparelho visual) e aí é reduzido o código da fala (língua) do receptor da mensagem em associação com um, sem número de memórias anteriormente registradas" (BRASIL, *apud* SÁ, 1973, p. 93).

Com o uso a pessoa que recebeu a mensagem poderá interpretá-la por hipótese, como se segue "este indivíduo forçou o sorriso que me dirigiu para fingir que me tem estima, mais de fato está mesmo é sentindo-se incapaz de me agredir". Naturalmente, o sorriso forçado (isto é, mensagem não verbal), tenha sido captada como tal, gerou um processo de comunicação que só teve continuidade depois da sua redução a uma interpretação com os símbolos da fala. E uma sociedade é tanto mais eficiente na capacidade de prover bem estar a seus membros quanto mais perfeitos forem seus cursos de comunicação.

2.1.1 As Funções Mentais da Comunicação

É no cérebro que são registrados, elaborados e codificados os fenômenos mentais. Segundo estudo de PEREIRA (*apud* SÁ, 1973, p. 108), o ser humano é um sistema em aberto em constante intercâmbio consigo mesmo (vida interior e visceral) e com o mundo ambiental. Isto só é possível aos elementos que formam o conjunto sensorial (órgãos do sentido, sensibilidade a dor, etc.) e as funções perceptivas. Desde a nossa vida intra-uterina o cérebro vai acumulando as sensações captadas e conduzidas pelos órgãos sensoriais de modo que mediante esses estímulos exercem e especificam as funções perceptivas. Para que haja a percepção há necessidade de estímulos. Para PEREIRA, os estímulos externos, captados pelos órgãos do sentido e internos (vísceras) chegam ao cérebro através dos nervos aferentes. Ao chegarem ao cérebro são registrados (percepção), acumulados (memória) e codificados (vivência) para depois serem devolvidos ao meio (reação, ação ou conduta) através dos sistemas eferentes.

Depois que o mesmo estímulo se repete várias vezes e o cérebro o identifica, se dá a apercepção, que é produto da aprendizagem (natural ou experimental).

Entretanto na conduta automática e reflexa pode faltar nessa cadeia (estímulo-sensação-percepção-apercepção-reação-ação-resposta), o elemento chamado apercepção que está ligado a função cortical chamada consciência cujo o papel é o de selecionar, discernir, discriminar, criticar, analisar e sintetizar a conduta da pessoa humana.

Se a mensagem é subliminar, ela conduz a uma conduta automática ou reflexa onde falta a deliberação consciente e espontânea do ser humano. Chama-se mensagem subliminar, aquela que foi registrada fora dos limites da capacidade cortical escapando a análise dos valores próprios de cada ser. Desta forma o excesso de excitação provoca a fadiga cortical anulando a crítica e a análise do ser humano.

Completando esse raciocínio a emoção-afetividade tem fundamental importância na comunicação. Se o transmissor de sinais estiver em estado vivencial coerente para convencer aos receptores se fizer entender ele atinge os objetivos da comunicação.

"Quando os estímulos externos percorre o trajeto de estímulos, sensação percepção-apercepção, reação ação-resposta, está formado o seu conhecimento" (PEREIRA, *apud* SÁ, 1973, p. 111).

Em comunicação é indispensável ter um excelente faro (captação, intuição) para descobrir o denominador comum que aglutinam os receptores; ocorre também um processo simultâneo de auto conhecimento do próprio transmissor naquilo em que ele se iguala, (identificação) com certos aspectos dos receptores.

2.1.2 A Mímica Gestos e a Expressão Corporal na Comunicação

Pela mímica facial, a expressão do olhar, o tom da voz a gesticulação dos braços e mãos, a posição do tronco e o uso das pernas nos encontramos diante de uma pessoa cuja a

individualidade é posta em evidência e se identifica a cada instante, pois o ser humano se identifica como totalidade de pessoa (indivíduo) de identidade, seja num simples hábito de tomar café matinal ou no selo pessoal. PEREIRA (*apud* SÁ, 1973, p. 15) afirma que: "se a palavra é a tradução mais significativa do pensamento, a mímica, os gestos, e a expressão corporal conferem totalidade afetiva, o colorido emocional nas quantidades e qualidades necessárias".

Um bom professor que deseja gravar uma mensagem na mente dos alunos não podem ignorar a importância da expressão corporal. Se pensássemos num exemplo, considerando que, no teatro o bom ator é aquele atinge um grau tão profundo de intimidade com seu corpo (músculos) e com sua mente (emoções, sentimentos) que encarna qualquer personagem, sendo antes de mais nada um comunicador, será possível citar alguns requisitos indispensáveis para a comunicação satisfatória: segundo PEREIRA (*apud* SÁ, 1973, p. 116).

- O grau de convergência entre pensamento e o estado de humor (emoção, sensibilidade e afetos). A intimidade com seu próprio corpo (do comunicador) para a simultaneidade entre idéias e expressão corporal.
- A consciência entre os símbolos individuais da mensagem com a rede socio-cultural que se pretende atingir na comunicação.
- A coerência entre convicção do comunicador e sua própria mensagem. Qualquer desequilíbrio provoca queda na intencionalidade no eco da mensagem.

2.1.3 Personalidade na Comunicação

Segundo PEREIRA (*apud* SÁ, 1973, p.117), o recém-nascido já tem registrado em seu cérebro algumas informações de sua situações intra-uterina. Ao nascer pela primeira vez, os órgãos do sentido e de sua estrutura visceral (órgãos internos) passam a ser estimulados para a comunicação com o meio ambiente. Os limites existente entre o eu da criança e seu mundo, começam a ser percebidos através de pequenas sucessivas frustrações,

como também por intermédio das funções cognoscitivas (conhecimentos). A cada satisfação ou frustração de um impulso ou de uma necessidade qualquer, a criança acrescenta um novo elemento na composição do eu e na interpretação do mundo. Quando começa a locomover-se vê as coisas como uma ampliação de espaço, necessidade (a fala é aquisição decisiva para o eu na comunicação e expressão da mesma).

A relação eu-mundo é carta geográfica da personalidade, pois, cada fase de desenvolvimento da personalidade do indivíduo, corresponde um programa de comunicação específico que é acrescido com o programa da fase seguinte num trabalho acumulativo.

As mensagens emitidas por um indivíduo tem como, objetivo principal provocar no meio ambiente uma Resposta Satisfatória. E quando essa resposta não é obtida, ocorre frustração. Cada ser humano tem um limite de tolerância acusando assim seu índice de avaliação da maturidade psicológica, variando conforme padrões sócio-culturais de cada povo.

As necessidade biológicas estão em processo imutável, já as psicológicas estão em processo mais lento, porém contínuo, de transformação, exigindo de cada um, esforço de adaptação.

1. Infância:

- Necessidade biológicas - muito grande.
- Necessidades psicológicas - pequena.

2. Adolescência:

- Necessidades biológicas - grande.
- Necessidade psicológicas - grande.

3. Adulta:

- Necessidade biológica - pequena.
- Necessidade psicológicas - muito pequena.

4. Velhice:

- Necessidade biológica - pequena.
- Necessidade - muito grande (PEREIRA, 1973, p. 119).

As necessidades biológicas são: nutrição, reprodução, conservação da vida em si (proteger-se do frio, calor).

As necessidades psicológicas são: afeto, segurança, prestígio social, auto-afirmação e valorização de si próprio, agrupamento social, companheirismo, ao sexo oposto, etc.

Personalidade sendo "a soma total dos padrões de comportamento-potencialidade e manifesta determinados pela hereditariedade e pelo meio" (EYSENCK, citado por PEREIRA, *apud* SÁ, 1973, p. 119), se confunde com a própria pessoa, é o próprio indivíduo. Desta forma a composição da personalidade entram os seguintes elementos:

- a) Biológicos: a constelação glandular, os instintos e o biotipo (peso, estatura, relação osteomuscular e arquitetura da face);
- b) Psicológicos: temperamento (maneira de sentir), caráter (maneira de agir), processos mentais cerebrais;
- c) Sociais: educação familiar, *status*, papéis sociais, código ético-moral, instituições gerais, nível sócio-econômico.

O ser humano responderá sempre, invariavelmente como um todo, caso não ocorra, é possível que a eficiência da educação não se concretiza.

2.1.4 A Comunicação do Indivíduo com Ele Mesmo

Recorrendo a argumentos que expliquem comunicação pessoal. PEREIRA (*apud* SÁ, 1973, p. 135) afirma que: "o ser humano é uma totalidade constituído por partes interligadas, interrelacionadas e intercomunicáveis numa relação dinâmica e recíproca e inseparável".

Em nossa subjetividade cada um adota certas atitudes em relação a si mesmo. Essas atitudes tem a variação nas suas nuances e, em linha gerais, são as seguintes:

- a) agrado, desagrado e indiferença (afetivo-emocional);
- b) conhecimento, negação e ignorância (conscientização) ;
- c) compreensão, incompreensão (racional).

Os setores ou partes do indivíduos estão relacionadas em posição antagônica (conflito) em compartimentos estanques (dissociação) ou ainda em hierarquia em relação a totalidade do ser ou outras partes do ser.

Essas atitudes ficam a depender de três sistema:

- a) macrossistema (ambiente socio-cultural);
- b) micro-sistema (grupo familiar - o clã);
- c) indivíduo-sistema (o ser humano em si).

"No mundo ocidental latino cultiva-se uma hierarquia judaico cristã (mente-corpo) onde a atividade racional-intelectual comanda e subjulga a atividade corporal" (PEREIRA, *apud* SÁ, 1973, p. 136).

Nas dissociações, as partes separadas em compartimentos estanquem alteram a motivação da conduta deixando o indivíduo às contradições e às incoerências.

Estudos de SANTOS (1996, p. 599), revelam que linguagem corporal é uma significativa de comunicação do sujeito com o mundo. Linguagem esta que traduz o que o indivíduo recebe e percebe.

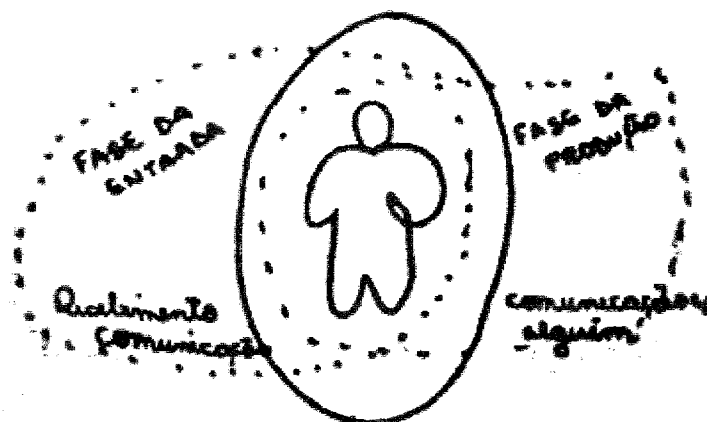
JANNUZZI (*apud* LIMA, 1996, p. 483) afirma existir um intercâmbio entre o corpo e o mundo social, sendo que:

"Se por um lado o corpo é a imediação, o corpo é o intermediário do homem no mundo social, pois que ocupa uma dimensão de espaço, por outro lado é por meio dele que o mundo social penetra no homem. Logo passa ser o elemento de intercâmbio homem mundo".

Ou seja nossa independência de um ser humano em si, é muito complexa, mediante as fortes e quase únicas intervenções; a sociedade no indivíduo.

2.1.5 A Motivação e o Controle do Comportamento Humano

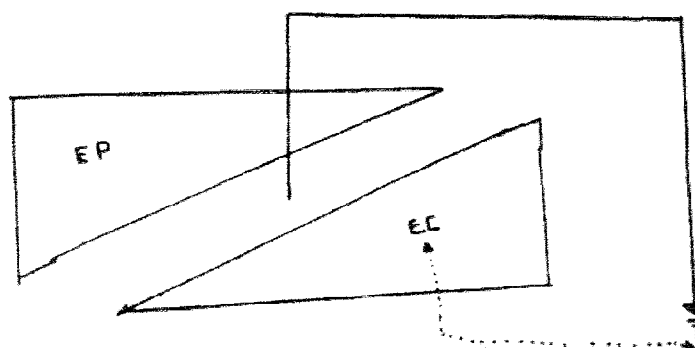
FIGURA 1 - MODELO BÁSICO DO CONTROLE DO COMPORTAMENTO (MÁQUINA CIBERNÉTICA)



FONTE: Thayer, 1976.

Segundo estudos de THAYER (1976), o comportamento humano é motivado e controlado, precisamos reconhecer que uma descrição completa do porque da maior parte do comportamento humano está ainda ao alcance das ciências behavioristas, onde afirmam que o homem é influenciado pelo ambiente.

FIGURA 2 - INSTRUMENTO ANALÍTICO DO COMPORTAMENTO



FONTE: Thayer, 1976.

Onde:

E.P.: estado de coisas pretendido ou buscado (consciente ou inconsciente) nos relacionamentos face a face com o meio ambiente.

E.C.: estado de coisas aparentes no meio ambiente.

┌───┴───┐ : alguma ação no meio ambiente (por exemplo: um comportamento comunicativo dirigido a outra ssoa ou organização.

└───┬───┘ : realimentação (regeneração) e/ou impulsionamento.

Esse é o exemplo citado por THAYER (1976), que usa esse instrumento analítico para delinear alguns pressupostos teóricos do comportamento.

Suponhamos que você deseja que alguém saiba algo que atualmente desconhece ou que compreenda alguma coisa de modo diferente do atual. Sua avaliação de como atualmente compreende, aquele algo é a sua compreensão do atual estado de coisas aparente (E.P.). Se há uma discrepância entre ou um desvio entre o estado de coisas que você pretende (E.P.) o estado de coisas que você conclui ser existente, então você empreenderá a ação ou o comportamento com o qual espera poder eliminar, ou pelo menos, reduzir de maneira significativa a diferença entre o estado de coisas pretendido por você (E. P.). E o que você vê como um estado de coisas aparente (E.P.) (THAYER, 1976).

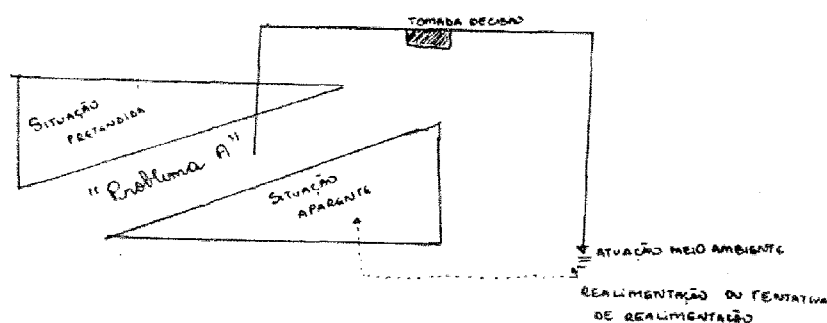
Deveríamos observar especialmente o fato de que, como humanos, podemos simular o nosso comportamento e suas conseqüências antecipadas, embora nem tenhamos consciência de estar fazendo tal coisa, fizemos um ensaio final, especialmente quando tivermos pouca ou nenhuma experiência sobre o qual basear expectativas mais seguras.

Em relação a motivação, THAYER (1976) afirma que:

Não podemos motivar diretamente uma pessoa no sentido de uma orientação para ela própria ou para seu trabalho, se essa motivação nela já não estiver pelo menos de modo latente.

Não podemos comunicar-lhe diretamente algum conceito que seu sistema não seja pelo menos potencialmente capaz de compreender. Por isso entende-se que a motivação e comunicação são condições que se encontra exclusivamente no indivíduo. Dizer que uma pessoa foi motivada para fazer o que fez ou não, não ajuda muito a entender o seu comportamento.

FIGURA 3 -



FONTE: Thayer, 1976.

Quando uma discrepância, sentido entre determinado estado de coisas buscado e um estado de coisa aparente é encaminhado ao componente compreensivo de alguém, esse alguém logo evoca outras experiências similares e relacionadas..

Se um indivíduo identifica experimentalmente uma situação problemática como "tipo de problema x", essa hipótese é encaminhada ao elemento da tomada de decisão. Se teve

alguma experiência com o tipo de problema "x" (ou compreender algumas soluções alternativas possíveis para o tipo de problema "x", sua definição do problema é confirmada através disso ; ou ainda que se sinta capaz de solucionar o problema de modo como é definido.

THAYER (1976), escreve que: experimentalmente, os problemas identificados são encaminhados para o órgão de tomada de decisões. Se houver uma combinação, ou seja, se o órgão da decisão tiver no arquivo. Experimentado problema do tipo encaminhado - uma solução alternativa viável e selecionada e transformada em ação. Se não houver uma combinação , isto é, se não houver nada aprovado no arquivo do órgão de decisão - a identificação do problema experimental é rejeitada. Surge, nesse caso, a necessidade de ser desenvolvida outra hipótese, quanto à natureza do problema, assim, o órgão para a tomada de decisão toma dois objetivos:

- a) Serve como uma espécie de arquivo de experiências acumuladas, ao qual são encaminhadas todas as definições de problemas;
- b) Serve como mecanismo seletor para pesar e avaliar soluções alternativas e para dar início ao comportamento, na direção da alternativa escolhida.

2.2 LINGUAGEM CORPORAL

É necessário conhecer as próprias partes do corpo, sensibilizá-las, vivenciá-la perceber os aspectos físicos e psíquicos e suas relações com o mundo que nos cerca.

Através do movimento, no contexto do tempo e do espaço, a pessoa pode adquirir conhecimento do próprio corpo, desenvolver a partir de si mesma um entendimento para o mundo.

As pessoas não aceitam o pouco que cada um pode dar de si, e acabam ficando exigentes com o mundo externo e não se preocupam de respeitar o eu de seu interior como parte de um contexto indivisível, a medida que vai se liberando uma energia de comunicação entre duas pessoas, cria-se o relacionamento.

Este relacionamento se compromete com uma série de dificuldades, entendimentos, rotinas, espaço aberto por falta de diálogo ou uma interrelação profunda quando estejam em um único objetivo.

Segundo CUNHA (1985, p. 9), da relação entre espaço e interior do corpo geram diversas formas de "pensamentos, sentimentos e ações: sendo que a harmonia cria naturalmente movimentos sensíveis, é por isso, mais cedo ou mais tarde, o homem descobre que para conhecer melhor deve conhecer-se melhor". Nesse entendimento a motricidade no homem possibilita a expressão, daí o fato de ela se manifestar em diversas formas e estilos vários, pois o homem é portador de significações.

A conduta motora, tanto nos seus elementos entre si, como na sua globalidade, deve entender-se na forma de uma relação e/ou uma comunicação, de uma intencionalidade e de um sentido. As condutas motoras realizam um modo de um homem se relacionar consigo mesmo, com o mundo e com o seu semelhante, modo este particularmente rico de significação.

Desta forma, os problemas fundamentais da motricidade não são problemas platônicos. São problemas vitais, práticos, pois aludem a totalidade do homem e o modo da sua implantação e orientação do mundo.

Segundo CUNHA (1985, p. 16): as três leis que interferem na expressão e criação das condutas motoras, são: Lei do reflexo, Lei do gênero e a Lei do Gênio.

- a) A Lei do Reflexo: não há conduta motora que não reflita na cultura, um determinado contexto sócio-econômico, por outro lado a diversidade das condutas motora supões varias concepções de corpo, esquema corporais distintos, problemas de personalidade, prática (assídua ou não) das atividade físicas, enfim, a motricidade reflete o que o homem tem, o que o homem é.
- b) Lei do Gênero: Trabalhando ou jogando, rezando ou bailando a conduta motora não resulta de mero capricho e traça espaços diversos a que pretende conferir uma finalidade e um significado. No treino, no jogo, na ginástica, no desporto, na dança no circo, na sala de aula, no escrever, refletir e comer, a conduto motora não é a mesma.
- c) Lei do Gênio (ou dinâmica da personalidade individual): se em virtude da lei do reflexo poder afirmar que a conduta motora inspira o espelha o homem e uma sociedade por força da lei do Gênio poderá dizer-se que a sociedade é o reflexo da conduta motora. A motricidade humana reflete e projeta o mundo.

Nesta lógica, organizacional de ordem e desordem , unidade e dualidade, que a motricidade se insere, porque é ela a manifestar a própria constituição intrínseca do ser humano; suscetível de comunicação. Que no homem, a motricidade não é um fenômeno isolado, mais uma reação expressão de ser humano total, porque a máquina viva associa em si, indissolúvelmente, o movimento, corporal a consciência de si e os macro-conceitos multidimensionais.

2.2.1 Linguagem do Movimento Corporal

Ir ao encontro da linguagem corporal, exige a descoberta do próprio corpo pela via de sua sensibilização, vivência e conscientização.

BRIKMAM (1989), reflete em relação a unificação como a unidade psicossomática é capaz de gerar sempre novas forças. A descoberta da linguagem corporal

visa a indispensável preservação dessa unidade corpo mente com desenvolvimento e educação da personalidade como um todo.

Podemos afirmar que o corpo e o movimento constitui uma unidade que opera por energia e que o corpo, energia, e movimento formam um todo.

Seus estudos apontam para questões de como através de movimento no contexto do tempo e do espaço, a pessoa pode adquirir consciência do que acontece com seu corpo, e que na medida em que o trabalho respeita a capacidade pessoal de manifestação pessoal, na medida em realmente contribua para libertar o movimento (o músculo bem colocado permite a livre passagem da energia e preservas os reflexos vitais) está se chegando a construção mental resultante da processualidade do ser e viver, ou seja, a consciência da construção do conhecimento, sendo que um simples movimento do joelho, por exemplo, operam os centros nervosos correspondentes e trabalham diversas áreas do corpo, aparentemente moleculares e independente que formam movimento intimamente interrelacionados.

Uma correta observação do manejo corporal permitirá apreciar em que grau é respeitada essa unidade: quando o movimento é realizado genuinamente, com atividade criadora, ou falso, frustado, submetia a um esforço gratuito e estéreo, chegar ao movimento criador requer que ele seja conscientizado através da sensibilidade e da vivência do movimento. Esquemáticamente, o que se procura é que emerja do movimento uma intenção, um pensamento, um desejo, e que tudo passe a ação.

A dimensão espacial pode ser sentida, percebida, e explorada através do movimento corporal. A pele contém limita e projeta. O espaço interior encena todo o conteúdo da pele para dentro do espaço exterior compreende além da pele, e âmbito do mundo físico circundante.

O tempo se encontra em relação com uma constante de lentidão ou rapidez peculiar de cada indivíduo; é importante que cada pessoa reencontre-se no tempo e descubra com ele a libertação da sua criatividade.

A aptidão criadora se expressa na capacidade de transformar o próprio movimento corporal, isto é na capacidade de perceber a peculiaridade de seus movimentos de suas possibilidades pessoais e de forma para enriquecê-la, tudo isso gerada de uma harmonia interior que gera novas formas de movimento.

As formas de movimento moldadas no tempo e espaço que encontram seus canais de ressonância dentro do corpo, tornam possível pôr em marcha a imagem, pensamento e ação desejados.

Segundo SANTOS (1986, p. 483), a linguagem corporal significativa, forma de comunicação do sujeito com o mundo, linguagem essa que traduz o que o indivíduo recebe e percebe, refletindo em seus movimentos.

2.2.2 A Expressão Corporal

A expressão corporal como disciplina, surgida na Argentina, se propõe a resgatar e desenvolver todas as possibilidades humanas inerentes ao movimento corporal, ou seja, manifestar as coisas sentidas através do movimento do corpo. Neste ângulo BRIKMAM (1989), afirma que, para isso é necessário que se possa chegar bem dentro de si e livrar-se das armaduras que carregamos quotidianamente. Tudo tem um tempo, onde a sensibilização começa de fora para dentro. É como se fosse uma sensibilização de pele.

A expressão corporal é o cumprimento, por parte do ser humano, de sua possibilidade de manifestar-se através de seu próprio corpo.

Na realidade de nossa cultura ocidental, tira-se a hierarquia do corpo e o relega até reduzi-lo a produção de movimentos utilitários sem restrições.

O observador das expressões corporais, não deve reduzir ou ajustar movimentos. Não se trata do belo, mas, sim do original.

O movimento corporal é uma linguagem que possibilita uma comunicação mais fluida do ser, onde é importante se saber aquilo que se é, e sentir o que se é, e respeitar a individualidade de cada um entre o seu contato social. Qualquer órgão funcional pode converter-se em dança, desde que se mude o objetivo e agregando uma organização temporal-espacial e energética (ex. : coçar-se ritmicamente. O aspecto temporal regula as variações do porte e da forma do movimento, e do lugar onde se realiza, e o nível energético engloba as variações da força que este efetua.

Considerando as atividades organizadas sobre o nome de expressão corporal, dotada de objetivos específicos, como atividades artísticas, desde que por artístico se entenda tudo aquilo que desenvolva a sensibilidade, a imaginação, a criatividade e a comunicação humana.

Segundo BRIKMAM (1989): a expressão corporal se manifesta em quatro níveis fundamentais:

- a) a pessoa em relação a se mesmo
- b) a pessoa em relação a outras pessoas
- c) a pessoa em relação a outros seres vivos
- d) a pessoa em relação aos objetos

Os movimentos ou conteúdo da expressão corporal é a pesquisa, a expressão, comunicação.

O movimento expressivo representa, portanto, a forma assumida pelo corpo ao existir e também é interiormente animado pela articulação de sentir-se e o do mover-se, se prende a irresolução da condição humana, constituindo uma manifestação poética do seu mistério (MALDENEY, p. 211).

2.2.3 A Linguagem Silenciosa da Comunicação Não-Verbal

O movimento do corpo é cultural, uma vez que é nas contradições que se cria o ambiente para produzir culturas. Assim, qualquer entendimento do homem passa pelo entendimento da cultura, isto é, o homem se movimenta através de uma linguagem de significados.

Na medida em que todo o movimento é uma linguagem, ele é um comunicador de símbolos, visto pela semi-ótica que dá a estrutura psicossomática do homem e da linguagem do nosso corpo.

Segundo o esquema de WEIL (1976, p. 27) o realce das partes do corpo é um comparativo com o seu comportamento. O abdome (representado pelo boi) é a vida instintiva e vegetativa. O tórax, (o leão) é a vida emocional; cabeça (águia) vida mental (intelectual e espiritual). O homem como um conjunto, consciência e domínio dos três inconscientes anteriores.

Quando estamos diante de uma pessoa com uma postura preponderante do tórax, são pessoas vaidosas, egocêntricas e extremamente narcisista, ou que naquele momento querem se impor (WEIL, 1976, p. 30).

Ao contrário, quando estamos diante de uma pessoa com postura com encolhimento do tórax, estamos diante de uma pessoa cujo eu está diminuído; são pessoas

tímidas, submissas, retraídas, ou que naquele momento se sentem dominadas pela situação (WEIL, 1976, p. 31).

Um tórax em postura normal significa um eu em equilíbrio.

Podemos também observar o estado emocional da pessoa olhando atentamente para o seu tórax:

- a) o aumento da respiração significa tensão e forte emoção;
- b) suspiros são indicadores de ansiedade e angústia;
- c) palpitação do coração, aumento do ritmo cardíaco é também um indicador de fortes emoções.

Na própria cabeça temos representado dois animais:

- a) O boi: representado pela boca onde entra os alimentos;
- b) O leão: representada pelo nariz onde entra o oxigênio para os pulmões;
- c) A águia: representada pelos olhos que são o espelho da mente.

O homem é um ser altamente perceptivo e certamente, percebe os seus semelhantes, percebe diferenças entre atitudes favorável, neutras ou desfavorável.

A própria simpatia ou antipatia, pode ser condicionada quando a linguagem do corpo de alguém nos transmite conflito com os nossos interesses e percebemos em nível inconsciente de forma negativa.

A energia do corpo humano

"A vida é um fluxo constante de energia e a linguagem do corpo é a linguagem da vida" (WEIL, 1976, p. 93).

Como funciona?

A energia de seu corpo é armazenada sob forma química:

A parte do boi, grande consumidor de energia, trabalho muscular, respiração, digestão: A parte do leão.

A parte do leão, tensão, nervosismo, desperdiçando energia, respirando mais depressa, gasta o ar todo em muito menos tempo. A emoção pode consumir uma parte do leão mesmo, contaminando boi e águia com sua preocupação.

Parte da águia, não é muito grande seu gasto, mais quando usado em excesso debilita também a parte do boi e do leão;

O controle de energia.

"Onde estão as chaves do controle do fluxo energético cujos efeito percebemos na linguagem do corpo?" (WEIL, 1976, p. 101).

No equilíbrio de gastos de energia, como forma de compensação na reeducação física e mental de cada pessoa. E o amor sua expressão corporal?

"A águia ama o raciocínio, o saber, a satisfação de sua curiosidade. É realista, foge da ilusão" (WEIL, 1976, p. 194).

O leão ama o sentimento, a música, cores, poesia forma, distingue entre lágrimas e riso, o coração batendo de alegria ou o peito arfando de desespero, é impulsivo, quer o belo, bondoso e simpático.

O boi ama os prazeres da sobrevivência humana, defende o corpo dos inimigos e capricha nos atos de excitação, cópula, fecundação, parto, amamentação.

Amamos as coisas, as pessoas, mais será que existe um amor completo?

Claro que sim! Paz em liberdade é que é o amor completo e de seus participantes. "Respeitando a trindade da razão - Emoção - instinto, conheceremos a verdade que é o amor (WEIL, p. 401). Procuremos o amor nas suas diversas expressões corporais, no olhar, no

gesto, no carinho, isto é qualidades e quantidades equilibradas, existe também um desequilíbrio onde falta alguma coisa.

Mas mesmo esta falta, se expressa, está na barriga exagerada do boi mal acessorado pelo leão frustrado de amor, ao acariciar o ursinho de pelúcia da menina.

Neste relacionamento, existe uma curta energia, um fluxo, neste mesmo fluxo pode haver harmonia ou não.

A questão do território faz parte do eu, pois o espaço pessoal e social às vezes diminui distâncias (consciente ou não), em outras vezes deseja-se aumentar o espaço.

- Fronteiras Indivisíveis:

"A Territorialidade regula a densidade das espécies dos seres vivos, ou seja, a distância ideal entre os seus componentes individuais, para as diversas manifestações da vida em comum" (WEIL, 1976, p 223).

- Podemos dominar a linguagem em nosso corpo?

"O homem não consegue esconder a sua linguagem inconsciente de um observador avisado... e nem dele mesmo" (WEIL, 1976, p. 245).

Porque ele não vai além do estágio 4 da sua evolução.

- Estágio 01 - Homem boi : a satisfação dos instintos prepondera.
- Estágio 02 - Homem leão : Eu em primeiro lugar, emocional e vive em busca da afirmação e procura estabelecer comparação.
- Estágio 03 - Homem Águia : razão pensamento superior ao sentimento, e este melhor de que os instintos.
- Estágio 04 - O homem começa a tomar consciência de estrutura tripla da sua própria unidade; torna-se realista modesto e muito mais inteligente, interessado na sua unidade harmônica

- Estágio 05 - Plena concepção consciente da ação e interação constante de que, na prática, representa três 'Eus' em conflito.
- Estágio 06 - Chefia-se a maior parte do tempo, plena consciência do que faz, ou que deve ser feito.
- Estágio 07 - Extrapolação lógica e inabalável, vontade livre e soberana, controla muito bem "Boi, o leão e a águia".

A linguagem silenciosa do corpo muitas vezes contradiz a palavra falada, mas diz a verdade nua e crua.

Muitos acreditam que quando estão pensando, estão conscientes, engano, os pensamentos também nos dominam.

É possível tornar-se conscientes das posturas e querem controlá-las. Mas só consegue-se, isso durante alguns segundos e no máximo minutos dado o estágio evolutivo que alcançou-se.

- Métodos de modificação psicossomática do homem.

Se o nome corpo expressa a nossa personalidade, será que mudando certos aspectos corporais, poderemos mudar algo, no nosso ser mental, emocional e instintivo?

Sim, nas alterações do equilíbrio quantitativos entre os componentes de nosso corpo.

Se for o caso, engordamos demais, perdemos a sinceridade, fingimos (não gosto de ir à praia) ou agredimos (estas cadeiras de hoje não agüentam nada). Mas basta passar a alimentar-se racionalmente, perder o excesso de peso e a personalidade e antiga volta.

Ao contrario, se desanimamos, ao erguer o rosto nos sentiremos mais confiantes?

Lembre-se da afirmação do filósofo PASCAL (citado em WIEL), "Ajoelha-te e crerás.

Portanto, nossa postura física influencia nossa mente.

Alguns métodos como psicoterapia corporal, judô, ioga e técnicas de relaxamento, dança, conseguem mudar o nosso estado emocional.

"Tal é a necessidade universal humana de amor: o triste apelo que é a fome amor, expresso na ancestral fala do corpo, a lágrima, foi reprimido com sucesso, mas quem poderá dizer a custo de quanto sofrimento neurótico, quer para a vítima, quer para o seu grupo de relação humana?" (WEIL, 1976, p. 274).

2.3 CORPO, QUEM ÉS TU ?

A consciência do corpo se exercita na ação, uma que vivenciada a sensação do movimento, deve centralizar a atenção sobre os músculos e os ossos que intervêm sobre a reação respiratória, ritmo, circulatório e etc.

O corpo como matéria, sente peso, energia, movimento, dimensão.

Na dimensão intervém especialmente a sensação proprioceptiva, o espaço de ocupação. A dimensão emerge com o olhar, com a visão do espaço, com o interior de nosso corpo.

Esse corpo que cada um de nós só chega a possuir realmente mediante o mais inocente e o mais arriscado de todos os atos: "existir".

Conceituação do corpo, na psicologia, é o espaço das marcas e significações do sujeito.

Este corpo pode ter uma significação simbólica ou real, nem todas as pessoas me vê da mesma maneira, nem eu mesmo, na frente do espelho, projeta a mesma significação todos os dias.

- Simbólica - o que se imagina do corpo.
- Real - é o corpo físico.

ASSMANN (1993, p 72), aponta para essa denominação de corpo, como um corpo inventado; adequado e conforme das culturas, ideologias e as organizações.

- a) Corpo jardim fechado: 3000 a.C. até 1700 d.C. (ocidente) tempo morada, mistério inviolável Éden proibido e cobiçado.
- b) O corpo aberto e devassável: corpo máquina, biológico, corpo relógio.
- c) Corpo ajustável que se precisa: corpo de executivos, corpo força trabalho, corpo de atleta, corpo escultural, corpo sexo, hipergenitalizado, plenamente "valor de troca, da engenharia genética do mercado de órgãos.
- d) Corpo político: (não só de políticos) corposa anarquistas, monárquicos, literários, capitalistas.
- e) Outros corpos: os esvoaçantes, produzido pela mídia, fãs, sonhados no imaginário das novelas e os desafiadores pela ciência obtusa: o corpo biopsicoenergético, travado ou vibracional e sócio-ecológico.

MOREIRA (1995, p. 39) caracteriza o corpo como "um veículo do ser no mundo e o possuir um corpo é para o sujeito, assumir compromissos estar envolvido no mundo, identificar-se com objetos e projetos e estar e estar continuamente comprometido com ele".

FIGUEIREDO (1991), analisa o corpo como o primeiro brinquedo que a criança utiliza para brincar, conhecer, são momentos de alta introspeção que se une ao fato da exploração, conhecimento do "eu", e do mundo. MEDINA (1987, p. 50), afirma o transcorrer de um corpo instrumento da alma, quando Descartes, define uma forma de dualismo "onde o corpo e a alma são substâncias diferentes".

PONTY (In: MOREIRA, 1995) contrapõe essa posição de dualidade afirmando que eu sou o meu próprio corpo.

Frente à essas colocações percebe-se a nítida invasão da nossa intimidade, sem muitas vezes ter respondido a questão. Mas realmente que corpo é esse? É meu ? mesmo?

2.3.1 Nossa História, Nosso Ponto De Partida

Segundo MALDINEY (s.d.), o momento que se dá a estruturação do afeto no ventre da mãe e quando a mãe em função especular, olha com aprovação ou desaprovação do filho em seus braços, amplia-se uma nova história, auxiliando no entendimento de como o corpo pode agir, como pode ser desejado, como pode ser controlado. A insegurança pode limitar um controle interno, e esse facilitar ação de fobias (medo de ser invadido, perda de controle, competir, amar).

Sendo assim, é extremamente complicado falar do nosso corpo, porque só falamos a partir de nossas experiências como corpo,; e admite-se um modo de vida, de pensamento, de comportamento, de competição desse todo.

Numa sociedade capitalista que hoje vivemos, o corpo é objeto, reflexo de uma necessidade criada para subsidiar necessidades e vinculá-las ao ciclo vicioso da criação, aferimento e sustentação desta necessidade até que seja ultrapassada por uma nova forma de criação de necessidades e superação em ações repetitivas.

Vemos o corpo de forma distinta porque cada um de nós tem uma idéia de mundo, do modo de vida, que nessa comunicação a linguagem usada é o resgate histórico, intimamente particular e representa um estereótipo de cultura, Uma vez cultura, passada de

gerações em gerações interliga fatos atuais onde informula-se novas questões, novos limites configurando-se uma expressão cultural relativa da época.

Segundo estudos de MEDINA (1990), o simples fato de se conhecer algo não é bastante para discorrer sobre ele com sabedoria. O verdadeiro conhecimento é aquele que penetra o nosso íntimo e passa a fazer parte de nossa vida, de nossa maneira de viver e de pensar.

As concepções de corpo determinam o tratamento com o mesmo, identificando-o como sujeito ou objeto de estudo.

Faz-se importante, "subsidiar uma reflexão acerca da corporeidade relativa a significação desse corpo (UVINHA, 1996, p. 651), no reconhecimento de possibilidade e trato do mesmo.

2.3.2 Corpo uma Construção Cultural

Se o corpo é uma história, uma evolução as vivências, renova-se a cada instante, CUNHA (1985, p. 18), cita que o "homem é um ser cultural por natureza e natural por cultura". "E vive num mundo de significações", o homem é tanto domínio de pura subjetividade como da exterioridade, ou seja, o homem adquiriu como capacidade a inteligência, a auto reflexão e interioriza novos comportamentos, novas linguagens, e é capaz de contextualizar-se neste processo evolutivo.

Basicamente este conhecimento tem origem na linha do empírico (sensível) e do científico (razão) onde ambos não tem uma desvinculação, pois trata-se de sobreposições decorrentes de necessidades circunstanciais.

No entanto, SERRES (1982), afirma que dá-se maior valor a razão científica, sistematizável e comparável, pois a mesma traz o poder da cultura.

Finalmente neste transição para o século XXI, a ciência é vista com conceitos e teorias limitadas onde não existe uma verdade absoluta, mas uma verdade em constante modificação.

2.3.3 Buscando A Autenticidade

Através de várias análises realizadas por estudiosos como FREIRE e SANTIN (1987); MOREIRA (1995); FOUCALLT, MEDINA, CUNHA e outros, o corpo passou historicamente por várias fazes , onde foi utilitário escondido, subjulgado, exaltado, glorificada do oprimido, objeto. Estes pressupostos teóricos apontariam para vários paradigmas, aos quais cabe perguntar: como se apresenta a linguagem corporal na transição dos conhecimentos sobre o corpo ? esta linguagem subtendida a influência destes pressupostos será uma linguagem autêntica? Através desta interrogação teremos que conceber e entender que corporeidade não é nenhuma formula mágica que transformará o mal no bem, o feio no belo.

SANTIN (1996, p. 80) cita a afirmação de Paulo Freire: podemos estar trocando de embarcação, mas não mudando a mentalidade da tripulação, ou seja; jamais conseguiremos uma boa colheita, sendo que semeamos num terreno árido e rígido. A terra precisa ser tratada, cuidada nos seus mais íntimas necessidade. Só a partir daí ela colherá a semente em boas condições de germinação e assim cumprir o ciclo vital.

É necessário que o ser humano sinta-se sujeito de sua própria história e a construa a partir de sua essência de sentimentos vividos e entendidos formulando suas posições no universo.

Os estudos sobre a abordagem fenomenológica demonstram que "para se conhecer o mundo é necessário ir a coisa mesma. Isto significa focalizar, situar o que desejo, conhecer do mundo". MOREIRA (1996, p. 97) então estes conhecimentos se interiorizam como entendimento, que passam a ser comunicados nas diferentes formas de linguagem e deste modo interpretados diferentemente, visto que cada ser se vê conforme suas experiências vividas.

Essa linguagem será realmente autêntica a partir do momento em que tivermos consciência de nosso ser, ou pelo menos, engatinharmos nesse caminho de descobertas, reagindo aos momentos e circunstâncias de modo que sintamo-nos livres em expressar e contextualizar nossas reações.

Ser autêntico é ser genuíno, verdadeiro; e para agir na autenticidade teremos que estar aberto a todos os contratemplos, pré-conceitos e limitações, compreendendo com clareza aquilo que queremos para não sermos levados por ideologia que não trilham nossos objetivos. Assim, colocando em questão nossas semânticas (significações), estaremos "olhando um corpo sujeito, conhecendo a corporeidade do sujeito em busca de expressão, em busca de desejo, pois o olhar conhece sentindo e sente conhecendo" (MOREIRA, 1996, p. 91). Através da consciência de nosso ser, ficaremos límpido como água cristalina essa transparência expressa nossa autenticidade.

2.4 INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA CORPOREIDADE

A dificuldade de expressão, enquanto entendimento do termo corporeidade, tendo em vista a abrangência na qual se manifesta, repensa novos paradigmas a partir de encaminhamento de pressupostos teórico.

Uma das analogias feitas por (SANTIN, 1992) retrata a corporeidade enquanto um conceito abstrato que a essência ou natureza dos corpos. SANTIN (1992), cita PAUL e PONTY, tendo uma visão de corporeidade como uma dimensão ontológica (tratado ou ciência dos seres em geral) e ainda KENER, como distinção entre o corpo físico e corpo vivo. Tendo a ciência uma visão de corpo, como uma máquina sofrendo uma série de reações químicas; e não transita no termo corporeidade.

Tentando formular um conceito propriamente dito, SANTIN (1995), denomina a corporeidade como um conjunto de expressões (sociais, econômicas, filosóficas, culturais, etc.) que individualiza os seres humanos como únicos numa personalidade em coletivo social.

Se a corporeidade é vista como um conjunto de expressões (sociais, econômicas) caem-se em questões óbvias tais como : quem expressa, como expressa, que tipo de influência sobre o expressar-se?

Assim, se não temos espaço para expressão, se quem se expressa não entende sua própria linguagem, isso indica que vivemos em um ambiente bastante repressor.

"Padronizar comportamentos, exigir silêncio e ordem em nome do processo educativo ou mesmo encarar o corpo do aluno como um objeto a ser adestrado e disciplinado, não é, em hipótese alguma, privilégio de uma disciplina curricular da escola" (MOREIRA, 1996, p. 186).

Sabe-se que todas as manifestações acima evidenciam-se em um corpo; não em um corpo qualquer, mas o corpo do ser humano, vivo sentimental, que vive em determinado mundo GUEDES (1996, p.155-160) cita que "o corpo não é a causa do mundo, nem este a causa daquele o que existe é uma reflexão de estruturas que se reúnem dialeticamente na intencionalidade"; sendo que "o mundo toca o corpo porque o atrai, o corpo é tocado porque é atraído pelo mundo". No andamento desta questão, "não existe neutralidade no processo existencial, nem na investigação de um dado fenômeno, quando por exemplo falamos de corpo , falamos de consciência de vida" (GUEDES, 1996, p.162).

SANTIN (1996, p. 76) expressa suas preocupações quando ver um obstáculo no entendimento da corporeidade.

Como resolver o entendimento da complexidade sem recorrer as simplificações estereis e enfadonhas?

Como superar a generalidade dos sobrevôos sem recair num reducionismos falsificantes?

Evitar as mesmice dos lugares comuns sem apelar para a abordagem hermética (rígida, fechada e minuciosas dos especialismos pedantes?

Considerando suas preocupações altamente alarmantes, criteriosas e segura quanto a essa realidade vista pela ótica fenomenológica. GUEDE (1996, .p. 163), aponta que "abordar a corporeidade (na educação física), significa estarmos consciente e disponíveis para transformação, trilhando na teoria da complexidade". É necessário voltar as origens desse corpo , deste momento e repensá-lo como um estudo inacabado visto, SANTIN (1996, p. 78) continua indagando se a educação física, que estuda o corpo e o movimento e o tem como objeto de estudo, "tem condições e vontade para assumir a tarefa de pensar neste tema "corporeidade"? Estaríamos assim, "traçando o caminho de sua autonomia científica e pedagógica. Ou estaremos mais uma vez diante de uma ilusão? (SANTIN, 1996, p. 73)

Deve-se entender de todas as maneiras ao mesmo tempo tudo, tudo tem um sentido, nos reencontramos sobre todos os aspectos a mesma estrutura de ser. Todas essas visões são verdadeiras, sob a condição que não as isolem, de que caminhemos até o fundo da história e encontremos o núcleo único de significação existencial que se explicita em cada perspectiva (PONTY, *apud* GUEDES, 1996).

Neste termo SANTIN (1976, p. 77), afirma que um conceito deveria ser "instrumental necessário para articular novas maneiras de pensar ampliando nossos conhecimentos acerca de nossos paradigmas existenciais e suas limitações que o cercam.

Um começo de busca de entendimento para todos os que queiram desvendar este mistério, GUEDES (1996, p. 161), enfoca a questão afirmando que não se trata de analisar e explicar o fenômeno corporeidade, dado a sua complexidade, pois trata-se então de traçar perspectivas, que o interpretem.

SANTIN (1996, p. 84) cita BRUNETI, afirmando que a medicina "não é a dominação da natureza, mas a compreensão de sua lógica", ou seja, não precisamos dominar a corporeidade, precisamos sim entender a sua lógica, sua estruturação, com certeza estaremos avançando nosso conhecimento e evoluindo neste entendimento aqui pretendido.

2.4.1 Permeando Possíveis Caminhos da Corporeidade na Educação

Autores como FIGUEIREDO (1991); FREIRE (1992); MOREIRA (1995); SANTIN (1987), entre outros, também encaminham seus estudos, visando a investigação de como a escola tem construído a corporeidade para a submissão dos estudantes ao sistema de denominação vigente.

Ao chegar a escola e a criança passa horas "imobilizadas na sala de aula" não expressando seus conhecimentos e seu desejo sem relação as coisas. Na medida que a escola introduz "normas explícitas ou implícitas, vai construindo uma corporeidade baseada no

individualismo, na massificação e nos privilégios de uma minoria. FIGUEIREDO (1991, p. 8). A escola é vista como um local impróprio para as manifestações que expressam os sentimentos, a sensibilidade, os desejos, a sexualidade e os anseios da criança. As crianças, segundo FREIRE (1992), vão ganhando apelidos, substitutos de seus nomes, retratando corpo gordo, magro, baixo, altos e perdem então suas suas próprias identidades. "A sala de aula é um espaço de aula que contém várias realidades" (MORAIS, *apud* FIGUEIREDO, 1991) espaço tão complexo que foge do entendimento do professor, pois, os mesmo não sabem bem aonde estão o limite das realidades. Tais como: primeiro faça isso, depois vai brincar, enganam as crianças, e depois quase não acontece, e a criança, para fugir das regras, "pedem para fazer ponta no lápis, ir ao banheiro, e ficam a brincar sempre que possível pelos corredores".

No pátio as crianças brincam com certa liberdade, mas "se por um lado as brincadeiras se desenvolvem a partir da organização e do conhecimentos da próprias crianças, por outro lado essa organização e esse conhecimento não estão isentos de influencia de valores sociais vigentes: transmitidos pelos adultos". Ao desenhar, a criança, "bem comportada", segue padrões, limites impostos pelas marcas gráficas. Neste contexto, FIGUEIREDO (1991, p. 41) cita SILVA (1987, p. 124),

Para indivíduos disciplinados úteis a organização industrial, o importante não é que o corpo fale. Seus e movimento não devem ter objetivos expressivos ou comunicativos, mas devem ser funcionais, úteis. Portanto, não interessa a dança, a música, a dramaticidade, o desenho, a pintura, como linguagem mesmo que possam ser consideradas como prolongamento da linguagem natural da criança. Elas só podem ser incorporada ao currículo escolar como caricaturas, enquanto forma repetitivas, mecânicas, despojadas de suas características fundamentais de liberdade e criação.

Ao contrário, a criança deveria deixar o braço-solto", expressar no papel seus sentimentos, comunicar-se.

Segundo FIGUEIREDO (1991), o objetivo da escola pública "não é aprendizagem e desenvolvimento das crianças das classes populares mas sim prepará-las para a submissão às normas do processo produtivo". Para a aprendizagem, da língua escrita, continua-se a ensinar, a escrever através de treinamento de gestos e habilidades isoladas.

É muito importante que os professores da área de Educação, Física, que trabalham com o corpo, através do corpo, e para o corpo, se conscientizarem do valor de deixar com que a criança se expresse, que pense, que crie, que sua individualidade seja respeitada, como um ser humano que se expressa, que deixa marcas de sua vida, de sua existência, e assim juntos construir uma história diferente, sua própria história.

Assim os professores não serão detentores de um conhecimento pronto e acabado, mas que deverá ser construído coletivamente pelos sujeitos das ações. FREIRE (*apud* FIGUEIREDO, 1991, p. 27) sustenta essa idéia dizendo que o educador já não é apenas o que educa, é educado, em diálogo com o educando, também educar. Ambos, assim se tornam sujeito do processo que crescem juntos, em que os argumentos da autoridade já não valem. Em que para ser-se fundamentalmente, se necessita de estar sendo, para as liberdade e não contra a elas.

GIROUX (1996, p. 65) salienta que a educação, "no período moderno regula classes sociais, raças e diferenças de gênero através de formas rígidas de avaliação classificação e continuidade e mesmo assim a escola não significa a independência pessoal dos alunos, que nela freqüentam".

E como num passe de mágica e muita confusão ilusionista no período pós-moderno, os jovens sem pertencerem a algum lugar concreto, vão vivendo progressivamente esferas culturais e sociais mutáveis, marcadas por uma pluralidade de linguagem e culturas. A tecnologia na informática substitui experiências, reduz a comunicação no âmbito de

expressão num "mundo na qual a linguagem está relacionada com uma estranha nostalgia e filosofias de pipocas e uma gíria televisiva" (GIROUX, 1996, p. 76).

Nessa perspectiva, DIAS (1996, p. 15), cita que "a escola em qualquer nível de ensino", pode ser traduzida como "a educação do corpo, instrumento sensível de compreensão do mundo de construção de vínculos com outros corpos sensíveis e simbólicos e como corpo político, histórico e cultural que possibilitará aos homens a construção da pertinência do grupo, da identidade pessoal e coletiva e da cidadania".

Em contra partida, a pessoa que não tem oportunidade de ir para a escola, usufruir de uma possível corporeidade futuramente testada em alunos, entenderá sua própria corporeidade? E a corporeidade alheia? Entender-se é um direito que temos, nossa posição de educadores, também faz parte desse processo.

A corporeidade não é algo que está fora e precisamos encontrar, ela está dentro de nós. Só temos que abrir os canais da sensibilidade e expressá-la.

2.4.2 Limitação na Abertura do Novo

Necessitamos galgar uma aprendizagem para expressar o sentimento e entender como sentimento. Essa expressão comunica, ultrapassa preconceitos e caracteriza a individualidade; "nessa abertura de sentimentos.

MOREIRA (1996, p. 93) descrever que "cremos que o caminho único que se nos apresenta é o da reflexão e refletir é precisamente tentar conhecer aquilo que ainda não se conhece, ou se preferirem, aquilo que se ignora", e ainda que; "não há conhecimento que não revele certo grau de ignorância que não revele certo grau de conhecimento".

É entendível que lutamos na maioria das vezes, com o desconhecido, e não raras vezes buscamos afugentarmos na acomodação, pois estamos preocupados em fundamentar uma complicada transição de questionamentos e não começamos do básico que é o de entender nossas próprias reações neste mundo ao qual fazemos parte. Estes questionamentos, segundo MOREIRA (1996, p. 94), "geram energia suficiente para provocar mudança, para alterar o hábito, pois problema é sinônimo de constatação e superação de necessidades".

O entendimento não se dá de imediato, pois quando situamos o fenômeno a ser percebido, descrevemos, analisamos (estrutura e conexões intrínsecas) ocorrendo então a redução fenomenológica, enfocando a consciência e a experiência na ligação de realidades.

Rebuscadamente é como se estivéssemos tendo um impulso nervoso (FOX, 1989, p. 98), a qual primeiro tem-se o estímulo, após a sensação, envio da informação ao cérebro, ao qual fica armazenada uma primeira percepção, acontecendo sinapses nervosas e envio da resposta, da percepção, então manifesta-se um movimento "x" (qualquer), frente a estas situações ou situações semelhantes ativa a mesma percepção.

Travar um conhecimento, um sentimento, é mesmo que tentar, em várias direções, socar o inimigo interior que adentra sem nosso ser; não conseguimos alcançar metas apenas quando nos impomos ou combatemos. O fato de dar exemplo de reflexão, de luta, já exalta nossas tentativas de acertar.

Se imaginássemos uma casa e nos posicionássemos em todas as direção(frente, atrás, em cima, embaixo, direita, esquerda) é possível que não pudéssemos dizer que a conhecemos totalmente, pois vimos recortes de uma realidade e não o todo em sua totalidade. Com esta visão, conseguimos avançar e entender que nossa verdade não é única, mas é uma luz que ajuda a iluminar o oculto.

2.4.3 Educação para a Sensibilidade: Em Busca de seu Perfil

Somos muito influenciado pelo cotidiano "nossas experiências; mais até que a própria escola, pois a mesma hoje constitui-se num grande funil do sistema educacional brasileiro" (SPOSITO, 1988, citado por RODRIGUES, 1995, p.50), e se conhecemos um povo pela sua educação questionamos então, qual o tipo de educação que nós temos no Brasil?

Acontecimentos históricos, da modernidade exigiram um novo tipo de intelectual, o "técnico de indústria", devido as novas demandas de produção, e tecnologia e outros superam-se a cada momento. "O surgimento de novos materiais a partir da biotecnologia e outras inovações fazem com que o papel da força física no processo produtivo sejam a razão direta da aplicação das capacidades intelectuais (FRIGOTTO, p. 1991, In: Rodrigues, 1995, p. 55). Porém, temos que olhar a questão por outro ângulo. Se por um lado a educação reproduzindo o sistema capitalista é um avanço para o próprio capitalismo, que reforça o caráter de exploração e exclusão. Se a história explica nossa atual educação e suas crises, nós somos a própria história que será contada. Então podemos nos questionar qual o enredo dessa história que queremos que seja contada?

Se temos a compreensão de que o processo histórico, na qual a nossa vida é vivida dia-a-dia, construímos nossa identidade, no encontro (ou desencontro) com os outros num mundo que também está em acelerada transformação, e que nossa tarefa nunca estará plenamente concluída" (GONÇALVES, 1994, 10). Abrimos então, espaço para afirmar mais uma vez que o conhecimento não é acabado ou inalterado.

Nestas perspectivas, (GONÇALVES, 1994, p. 173) afirma que a emancipação do homem, através de uma ação consciente, tende pressupostos de que o corpo não é nunca,

mesmo constituindo uma unidade física e uma unidade biológica, puramente física ou biológica, subordinado à dialética do espírito que o envolve como uma presença, que faz do corpo um corpo humano, "nossa identidade constitui-se no palco de uma objetividade, onde há o encontro do eu com o tu".

Faz-se então uma analogia da crise atual, que segundo CAPRA (1982, p. 14), deriva do fato de "estarmos tentando aplicar conceitos de uma visão mecanicista da ciência cartesiana-newtoniana a uma realidade que já não pode ser entendida em função desses conceitos" (visão cartesiana dualidade corpo e mente - leis de ação da gravidade, etc.). Perde-se então as "sensações, gosto, tato, olfato, sensibilidade estética, ética, os valores, motivos, intenções, alma, consciência e o espírito" (LAING. In: CAPRA, 1982, p. 51), pois as mesmas não podiam ser medidas ou quantificadas.

Utilizamos então, das conclusões de GONÇALVES (1994, p. 174), quando afirma que o homem contemporâneo reprime sua "riqueza sensorial" perdendo o "sentido da vivência do mundo sensível", refletindo a destruição irreversível da natureza, relações que predominam o egoísmo e "instrumentalização do outro e a indiferença às suas necessidades", na escola onde a corporalidade e o movimento são substituído por uma simples ação cognitiva e não expressiva.

Precisamos deslocar nossa visão para uma nova unificação, ou melhor, para a conscientização que o todo já existe, que o mundo, a sociedade, a educação, a cultura, o homem, os fatos, ou seja, fenômenos físicos, biológicos, psicológicos sociais e culturais interrelacionam-se e evoluem, e esta evolução não pára, pois transformar-se-á em um "ponto de mutação (CAPRA, 1982).

Quando existe a flexibilidade de um ponto para o outro constitui-se em uma nova realidade sem "resultar em nenhum dano".

Entendendo reflexões discorridas acima e procurando complementar estes entendimentos estamos resgatando a sensibilidade, pois antes de estudar e aplicar um método ou didática da sensibilização é necessário rever as próprias sensações, entender-se como um ser humano que tem uma inteligência sensível, acreditar e incorporar esta sensibilidade. Então, assim, estaremos traçando e norteando perfis para uma educação para a sensibilização.

2.4.4 Procurando Intensificar a Sensibilidade

Para redefinir sobre uma educação atual e novos paradigmas a cerca da ênfase prioritária que se desloca do "quantitativo para o qualitativo" (ASSMANN, 1996, p. 111), onde temos a corporeidade como uma ponte para educação, fazendo contribuições decisivas no campo educacional e também político, pincelando assim uma "redefinição cabal da educação como um todo" (ASSMANN, 1993, p. 113), redefinindo "supostos antropológicos a partir das quais se expressa determinada visão da existência humana individual e socialmente feliz e solidária (ASSMANN, 1993, p. 109).

A corporeidade está em tudo, entrelaça emoções e a própria emoção inclusive o "pensar mais abstrato é atividade corporizada" (ASSMANN, 1993, p. 111), onde dizer não ou desistir não representa "não agir corporal".

Esta mesma corporeidade que é tudo, se manifesta uma análise da prática pedagógica no sentido de garantir aos alunos a apropriação do saber e o entendimento do que fazer com toda esta bagagem instrucional. E para o professor a chance de sua própria continuidade de aprendizagem.

Não quer dizer que quem entenda e "lide bem" com a atividade motora enquanto aptidão física, esteja desajustado, é muito melhor intensificar a sensibilidade" em cima de

conhecimento do que discursar uma filosofia utópica em bases comprometidas. Isto quer dizer, que não se dá "pérolas a porcos", quem tem uma preparação e conhecimento, apenas abre um espaço para entender a sensibilidade como meio de penetrar no aluno (bem no seu íntimo) e realmente ter o poder de ajudar a construir sua educação, ou então, corremos o risco de, segundo (ASSMANN, 1993, p. 112), "ficar numa linguagem ainda aprisionada na mecânica newtoniana".

Trata-se de uma complexa "tarefa transdisciplinar que não pode ser confinada numa área específica (ASSMANN, 1993, p. 14), ou seja, a Educação Física, esta tarefa é de todas as áreas do conhecimento, hoje ainda não temos cálculos para aferir as medidas da corporeidade mas possivelmente dentro em breve, medir nem será necessário, todos tentarão confrontar, explicar, questionar a corporeidade e este será seu maior triunfo, porque sempre terão os que a defendem e até que se prove totalmente o contrário, a que atualmente não vemos como possível e esse processo desenvolverá uma corporeidade mais sensível ainda.

O professor como sujeito desta educação sensível, terá um embasamento teórico que o deixe preparado para esta responsabilidade desde de que aceite e partilhe suas vivência, que para a teoria da corporeidade é a base e vice-versa e sinta-se como um pesquisador que promove ciência para os que não querem ou não aceitam, devem contentar-se em ler os feitos escritos.

"A corporeidade viva é a referência mais radical para discutir assuntos aparentemente tão diferentes como a exclusão, a transformação do conceito de trabalho, o surgimento da sociedade do lazer" (ASMANN, 1996, p. 34). Nesta perspectiva, entendemos que: "sem uma filosofia do corpo, que pervada tudo na educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global, enfim, é de entrada falaciosa (ASMANN, 1993, p. 77).

Pode-se perguntar "porque um *expert* em tendões, se interessaria por rubores de encabulação, suores de timidez, acelerações cardíacas de emoção, flacidez muscular por ruptura de uma paixão?" (ASMANN, 1993, p. 112), e talvez responderíamos pelo simples fato de estarmos de bem com a vida, ou por tentar entendermos cada vez mais, e ajudar quem tem dificuldade de expressar seus sentimentos.

2.4.5 Entendendo Alguns Pontos de Transformações Sociais Evidenciadas no Século XX

Hoje, possivelmente muitas pessoas deparam-se com indagações a respeito das evoluções enquanto seres humanos sociais. Três pontos fundamentais formam um elo de profundidade e força, talvez capazes de desencadear grandes e alarmantes transformações: o feminismo, a ecologia (enquanto movimento) a sexualidade.

Se analisarmos a história, teremos direcionamentos que apontam probabilidades de como as questões se desenvolveram no decorrer deste longo e árduo trajeto que é a história da humanidade, refletida ainda hoje nos valores que norteiam nossas ações. Segundo estudos de CAPRA (1982), a mulher é profundamente relacionada com a terra. Como a natureza deve ser dominada pelo homem, a mulher deve ser submissa a ele, representando assim, também, o sistema patriarcal. Reforçando-se a idéia, através da tradição judaico-cristã que fixa a imagem de Deus como masculino e ainda a ciência newtoniana, evidenciando a natureza como "sistema mecânico que poderia ser manipulado e explorado, o que coincidiu com a manipulação e exploração das mulheres (CAPRA, 1982, p. 38).

As personalidades homens/mulheres não são isoladas, mas fazem uma interação de papéis masculinos e femininos. Estudos genéticos feitos nos EUA com crianças, constataram que a igualdade entre os homens e as mulheres não existe, muito embora na

infância são muito semelhantes. Os homens são mais fortes (força muscular), mais determinados, agredem mais (tem maior poder de coesão), as mulheres tem melhor verbalização, habilidades com movimentos que exigem destreza, flexibilidade. Quer dizer, geneticamente as diferenças existem, porém, é necessário identificar onde a sociedade machista que vivemos, influencia e como. O homem exerce maior poder e influencia nas decisões e atitudes, ele recebe mais pelo seu trabalho. CAPRA (1982, p. 34) afirma que aos homens cabe o papel de protagonistas e a maioria dos privilégios. Então, chega-se a um ponto chave: as diferenças biológicas e ambientais influenciam interligando estes comportamentos.

A dualidade do corpo evidenciada no método cartesiano, que eleva as condições mentais como maior valor, também influenciou na fragmentação de disciplinas escolares. Como se algum momento, deixa-se de pensar e faz-se então um movimento e quando pensa não se faz movimento. É justamente essa separação corpo-mente que precisamos repensar. ASMANN (1993, p. 107) vem de encontro com estas colocações quando afirma que, questões como "capacitação de profissionais eficientes e formação de seres humanos solidários, reaparecem constantemente em discussões sobre educação"; como se fosse possível sentir solidariedade ou pensar essa ação numa abordagem humanista separadamente. Fragmenta-se ainda mais a educação quando na era do computador e Internet, senta-se e coloca-se a cabeça para funcionar, como se todo o corpo simplesmente parasse para a mente pensar.

A maior preocupação no âmbito da ciência é provar, medir, quantificar, enquadrar, conceituar. O que não se mede, não existe, pois não quantifica-se em números em dados, em contra-partida a maior lição apreendida neste século, foi a das limitações destes conceitos, destas medições e aferições, tendo como entendimento de um conhecimento não pronto, acabado, mas em estado processual. Segundo CAPRA (1982, p. 26), este processo revigora-se num ciclo de ascensão e declínio, tendo como fator limitante à falta de

flexibilidade levando a discórdias e rupturas, incapacitando o processo criativo da evolução cultural. Uma vez tendo desafios e respostas estabelece essa evolução. Novos desafios e novas respostas, momentos de ascensão, pontos de falta de flexibilidade, declínio, novos desafios, novas respostas e assim por diante.

Uma vez definida as rotas em uma sociedade, define-se também os padrões, os valores, os entendimentos, e quando depara-se com sexos indefinidos, fugindo de padrões pré-estabelecidos, ignora-se até um certo momento em que é tão evidente, que aqui ou acolá, alguém ousa falar sobre isso, tão penoso, tão sofrível e tão desconhecido. Rouba-se a carteira de uma vovozinha e o ladrão vai para a cadeia reabilitar-se para não cometer o mesmo erro e voltar para a sociedade.

Grita-se então por uma "Revolução, e apoia-se nas teorias de Marx (filósofo do século XIX, que defendeu a luta de classes pela força, conflito e da revolução violenta" (CAPRA, 1982, p. 32). E ainda retrata-se no passado, e dá-se em conta que este é presente, o aqui, o agora, numa repetição daquilo que já foi dito, daquilo que já foi feito, com aquilo que pouco conseguiu-se.

Talvez não seja, agora em momento de transição social, a justificativa do conflito mas o entendimento que este todo acontece junto, aqui agora, neste espaço, neste tempo, talvez pouco provável cientificamente, mas muito significativo para o entendimento deste conhecimento que segundo LOCKE (*apud* CAPRA, 1982, p. 64) adquirindo através da experiência sensorial.

Entendendo isso, ou tentando entender, a ciência e cientistas, segundo CAPRA (1982, p. 46), não terão que relutar a uma estrutura holística, pois:

"A física moderna pode mostrar-lhes que tal estrutura é não só científica, mas está de acordo com as mais avançadas teorias científicas sobre a realidade física". Aí estamos mudando de paradigma, de valores, talvez evoluindo...

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada para esta monografia foi a pesquisa bibliográfica.

O primeiro momento caracterizou-se pela preocupação com as questões do corpo enquanto expressão da sensibilidade. Encaminhou-se algumas indagações a respeito dos fundamentos da comunicação, linguagem, personalidade na linguagem, através de bibliografias de Thayer, Sá, Brikman, Comiotto e outros. Também foi abordado estudos no campo da semiótica (signos, simbologia das posições corporais mais centrados na obra de Weill).

Posteriormente, os primeiros contatos com o conhecimento sobre corporeidade foram feitos na análise de Medina e Santin. Estes autores direcionaram este estudo para, Moreira, onde iniciou-se o processo em torno da linguagem de corporeidade sensível, educação sensível e sujeito sensível.

Efetando cada vez mais leituras panorâmicas a respeito das diferentes formas de produção sobre corporeidade na Educação Física, o acesso aos Anais do 3º Congresso em Foz do Iguaçu (1996), onde inúmeros textos de profissionais da nossa área que estão estudando a questão, como Assmann, Santin, Moreira, Werneck, Oliver, Simões, Barbosa, Guedes, Santos, Uvinha, Maia e outros. A partir desse material foi possível compreender a amplitude da corporeidade e sua relação com as diferentes formas de ação preconizada pela Educação Física. O conceito mais enfático apreendido nesta fase foi o de que: "O mundo toca o corpo porque o atrai, o corpo é tocado porque é atraído ao mundo" (GUEDES, 1996).

Nestes princípios, a corporeidade foi percebida enquanto objeto de conhecimento que extrapola o campo da educação física, sendo de grande significância na área educacional como um todo, de acordo com o trabalho de Assmann que deu sua maior contribuição.

Compreender a necessidade da educação do sujeito sensível, para e através da corporeidade, delimitou-se um salto nesta visão, ampliando assim até mesmo a responsabilidade do uso do conhecimento e as diversas apropriações do mesmo.

Com a aproximação a obra de Capra, percebe-se quanto todos nós estamos envolvidos e comprometidos com uma mudança de novos paradigmas existenciais e a certeza de engatilhar neste processo de evolução, com muitos questionamentos, mas satisfeitos por crescer interiormente.

4 DISCUSSÕES E RECOMENDAÇÕES

A análise contida neste capítulo, foi desenvolvida sobre as duas referências conceituais mais enfáticas neste estudo: a linguagem corporal, que caracteriza o centro das discussões nas décadas de 70 e 80 e a corporeidade que passa a dominar a literatura a fim, a partir da metade dos anos 80 até o ano em curso.

Assim, como primeiro aspecto analítico, é importante pontuar a linguagem corporal, enquanto comunicação. De acordo com SÁ (1976), essa comunicação se dá entre os sujeitos num mesmo contexto de valores, onde a interpretação da mensagem cria vínculo entre o receptor e o emissor nesse sentido, o silêncio também se torna um comportamento comunicativo.

As funções mentais contidas na comunicação, estão assentadas no senso de percepção, onde a interação entre o interior e o exterior do sujeito é mediado por uma sensorialidade. A comunicação provocada por essa interação quando vinculada a emoção e afetividade ou estado vivencial torna-se coerente, tornando a comunicação com qualidade de excelência.

Outro aspecto valorizado na comunicação é a mímica, os gestos e a expressão corporal, cuja demarcação facial, a expressão de olhar, a gesticulação de braços e mãos, a posição do tronco e o uso das pernas evidencia e identifica a individualidade do sujeito que se comunica enquanto totalidade. Esses aspectos compõe a tônica afetiva e emocional necessária à qualidade da comunicação. Ainda para PEREIRA (*apud* SÁ, 1976), quatro pontos são essenciais para a comunicação satisfatória.

- a) Convergência entre pensamento e emoção;
- b) sintonia com o próprio corpo, para comunicar a simultaneidade entre o pensamento e ação;
- c) conhecimento da simbologia da mensagem com o contexto sócio-cultural em que se dá a comunicação;
- d) a convicção do comunicador e sua mensagem.

Como ponto essencial desta abordagem, a comunicação do indivíduo com ele mesmo, é considerada a condição para a comunicação autêntica. Essa subjetividade quando conhecida e assumida, demonstra relação harmoniosa entre as relações afetivo emocionais e os processos mentais determinante, do conhecimento racional.

Associação ou dissociação destes elementos aparecem em diferentes formas de acordo com o contexto cultural onde vivem os sujeitos. Temos como exemplo a sociedade ocidental, cuja a cultura cultiva uma hierarquia entre mente e corpo, onde a atividade racional, intelectual comanda e subjuga a atividade corporal, alterando a conduta do sujeito.

4.1 LINGUAGEM CORPORAL

A comunicação que o corpo faz através de sua linguagem está articulada ao conhecimento do corpo sensibilizado, vivenciado, através das percepções e de suas relações com o mundo que o cerca. Esse conhecimento pode ser adquirido através do movimento, no contexto do tempo e do espaço e na medida que vai liberando a energia da comunicação com o outro, vai construindo simultaneamente a relação. Esta relação poderá tornar-se comprometida, diante de dificuldades, rotinas e da ausência de diálogo entre os sujeitos. Pois, de acordo com CUNHA (1989, p. 9), dessa relação entre espaço e corpo geram diversas formas de pensamentos, sentimentos e ações sendo que a harmonia cria naturalmente

movimento sensíveis, é por isso, mais cedo ou mais tarde, o homem descobre que para conhecer melhor deve conhecer-se melhor.

Assim, a expressão decorrente do corpo em movimento está carregada de significações, que correspondem as formas como os sujeitos interagem em seu contexto sócio-cultural. Desse modo os problemas fundamentais dessa relação não são platônicos, mas são práticos e vitais, vinculados a totalidade do sujeito com o seu modo de agir e orientar-se no mundo.

Uma expressão criativa do corpo, são consideradas por CUNHA (1985, p. 16), como originadas das leis: do reflexo, do gênero e do gênio. Para esse autor, a lei do reflexo acentua que não há expressão motora que não seja determinada por um contexto sócio-econômico. A diversidade dessas expressões supõe várias concepções de corpo, refletindo enfim aquilo que o homem é, bem como aquilo que o homem tem. Pela lei do gênero, o autor diz que a expressão está vinculada a finalidades e significados das ações que as precedem. Pela lei do gênio, poderá dizer-se que a sociedade é o reflexo da intervenção desse corpo em movimento, ou seja, que a motricidade humana reflete e projeta o mundo.

Desse modo ir ao encontro da linguagem corporal exige a descoberta do próprio corpo pelas vias da sensibilização e da conscientização que convergem para a sedimentação da unidade psicossomática.

No contexto do processo de construção conceitual sobre essa forma de comunicação, surge na Argentina, uma disciplina denominada de expressão corporal que teve como propósito, desenvolver as possibilidades humanas inerentes ao movimento corporal, de manifestar as coisas sentidas através do corpo. O compromisso dessa disciplina não foi de reduzir ou ajustar os movimentos, mas estimular a expressão dos mesmos em sua

originalidade, portanto, as manifestações dessas expressões, segundo MALDENEY, poderão ser assim consideradas:

- a pessoa em relação a si mesmo;
- a pessoa em relação a outras pessoas;
- a pessoa em relação a outros seres vivos;
- a pessoa em relação aos objetos.

Desse modo o movimento expressivo representará a forma assumida pelo corpo ao existir na articulação do sentir-se e do mover-se.

4.2 A CORPOREIDADE

Tal terminologia começa a surgir na literatura no início dos anos 80, e mais tarde, ainda nesta década, começa a aparecer na produção cultural da Educação Física.

Tal significado, está referendado na crise do pensamento norteador dessa disciplina, portanto, na necessidade emergente de repensar sobre o seu objeto de estudo. A polarização do corpo como sendo o objeto essencial, passou a dividir com a ação motriz o norte das discussões até os dias atuais.

O aprofundamento dessas reflexões estiveram subjugados as construções interativas com as categorias: esporte, dança, cultura, sociedade, economia e política, sendo esta última a provocadora da abordagem ideológica que ocupa a disciplina no contexto das demais áreas do conhecimento. Como consequência a necessidade das descobertas sobre o corpo, e o desvelamento de suas relações, político-ideológicas, tem pautado os estudos atuais na área de ciências humanas, explicitadoras da Educação Física.

No plano da relação corpo-sociedade, as discussões apontam para o desvelamento das relações de força, incucadas pelo modelo capitalista sobre o corpo e suas relações coniventes com o modelo de opressão dos indivíduos. Nesse aspecto, diferentes autores comungam tal opinião: Medina, Santim, Moreira, Assmann, entre outros. Suas críticas apontam para a necessidade de se contrapor a esse modelo do sujeito oprimido, a princípio, pela denúncia e posteriormente para a necessidade de superar tal projeto ideológico, na construção de um projeto contra-ideológico que tenha como meta, a educação do homem total, ou seja, do sujeito sensível.

O processo de romper com essa ideologização, imprime um movimento de compreensão dos valores e das crenças existentes em nossa cultura, que dão significado a essa corporeidade. Assim, essa relação corpo e cultura também passou a ser estudada em nossa área, buscando encontrar explicações antropológicas para as diversas facetas integrantes das construções culturais sobre a corporeidade. Aspectos positivos foram aproveitados no sentido de valorizar diferenças culturais, relativizando modelos estanques de padrões motores que entendíamos como formas hegemônicas de avaliar a qualidade da motricidade.

Também valorizou-se as diferenças individuais dessas manifestações que são construídas historicamente, no bojo da prática social. A respeito desta questão, a célebre expressão de PONTY (*apud* FIGUEIREDO, 1991), "Eu sou meu próprio corpo", veio configurar o significado da interação e da individuação dos sujeitos na absorção do conjunto de valores e crenças que regem a história de nossa cultura. Ainda assim, poderemos citar CUNHA (1985, p. 18) que expressa: "o homem é um ser cultural por natureza e natural por cultura e vive num mundo de significações". Desse modo a relação corpo cultura ganha profundidade para referendar estudos na busca do aprofundamento sobre o corpo enquanto objeto de estudo da Educação Física.

No plano dos pressupostos teóricos sustentadores dos estudos desta questão, a filosofia e a antropologia têm oportunizado referências fundamentais para a compreensão da complexidade que está inserida a corporeidade. Alguns estudos se reportam aos princípios marxistas, como Medina; outros aos princípios da antropologia, como Santim e também pelos princípios da fenomenologia como Moreira e Assmann. Neste estudo optou-se pela leitura panorâmica destas três vertentes, protelando para um futuro próximo, o aprofundamento das teorias de conhecimento que, vem estudando a corporeidade.

Independente deste aprofundamento, é possível compactuar com os autores que apontam a necessidade de construir uma teoria educacional cujos princípios norteadores da construção do sujeito tenham na corporeidade o eixo desencadeador desse processo. Mesmo considerando as limitações na abertura desse novo horizonte, a necessidade de provocar o processo é emergente.

Ainda não é o momento ideal para conclusão, apenas indicar que o patamar alcançado nesse estudo possibilita deduzir que: a necessidade de mobilizar forças para lutar contra a estereotipação dos sujeitos, 'anterior à década de 70, mas, é nesse período que esforços convergem em diferentes continentes, resultando nas publicações em torno das questões da expressão corporal. Tal movimento intelectual tinha além dessa meta a valorização da dimensão psicológica do indivíduo, no plano das valorizações das emoções. Como esses sentimentos culturalmente não recebiam reforços para serem expressados, o deslocamento do olhar para o corpo como mediador dessa expressão foi acentuada. Acreditou-se que desse modo a comunicação daí resultante, poderia ser entendida como a mais autêntica das comunicações.

Atualmente, a corporeidade acentua e reforça essas questões já discutidas no movimento sobre expressão corporal. O que é possível perceber é que a ênfase não se dá só

no sujeito individual mas avança para a compreensão do coletivo como fruto das relações sociais em que vive, portanto, nas quais constrói a sua corporeidade. Outro enfático é a compreensão da ideologização em que o corpo está submetido e a condição para alcançar a expressão autêntica da corporeidade é denunciar e desvelar ideologicamente o sistema de valores e crenças que lhe dão significação. Assim pensar a educação como mediadora desse processo será com certeza, o caminho que aliado a outros, traçará os princípios norteadores na construção do sujeito sensível para construir a história do tempo presente, e a sociedade e a cultura para a atualidade.

Desta forma, cabe recomendar uma análise crítica em questão da formação do profissional, sendo que o currículo tenha perspectivas na construção desse novo sujeito, a partir dos pressupostos aplicados na formação de quem educa, constituindo-se então na formação de um sujeito sensível.

A crise da Educação Física ainda está muito intensa, o importante é discutir e analisar paradigmas e mudar, se preciso for. É uma questão de atitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ASSMANN, Hugo. **Sete colocações sobre corporeidade e movimento**. III Congresso Latino Americano de Esporte, Educação e Saúde no Movimento Humano, 30 de junho a 05 de julho. Foz do Iguaçu: Universitária Unioeste, 1996, p. 27-37.
- 2 _____. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba: Unimep, 1993.
- 3 _____. **Metáforas novas para reencantar a educação, epistemologia e didática**. Piracicaba: Unimep, 1996.
- 4 BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal**. São Paulo: Sumus, 1989.
- 5 CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- 6 CAUDURO, Maria Teresa. **O corpo, sua expressão corporal e a comunicação não verbal**. Porto Alegre: PUC/RS, [?]. Monografia de Mestrado.
- 7 CASTELLS, Manoel. **Novas perspectivas críticas em educação**. In: GIROUX. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- 8 CONTEXTO E EDUCAÇÃO. Corporeidade, prazer e jogo. **Revista**. [S. I.]: Inijui, 1993.
- 9 CUNHA, Manuel Sérgio Vieira e. **Ciência da motricidade humana: uma investigação epistemologia**. Coleção de Ciência da E.F. e Desportos. 1ª ed., v. 1. Rio de Janeiro: Produção palestra Edições Desportivas, 1985.
- 10 DIAS, Marina Célia Moraes. **Corpo e construção do conhecimento: uma reflexão para a educação infantil**. **Revista Paulista de Educação Física**. s. 2. São Paulo: [s. n.], 1996, p. 13-15.
- 11 FIGUEIRDO, Mario Xavier Borino. **Corporeidade na escola: análise de brincadeiras, jogos e desenhos de crianças de Porto Alegre**. n. 3. Caderno de Educação e realidade. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.
- 12 FOX, Bowers Fon. **Bases fisiológicas da E.F. e dos desportos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- 13 GEBARA, Ademir *et al.* **Educação física e esporte: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1992.
- 13 GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir corporeidade e educação**. Campinas: Papyrus, 1994.
- 14 GUEDES, Cláudia Maria e cols. **Abordagem da corporeidade e suas aplicações na E. F. Contemporânea**. III Congresso Latino Americano de Esporte, Educação e Saúde no Movimento Humano. 30 de junho a 05 julho. Foz do Iguaçu: Universitária Unioeste, 1996, p. 150-163.

- 15 MALDINEY, Henry. **Programa básico de treinamento e expressão corporal**. São Paulo: Angelotti, [?].
- 16 MAIA, Tânia do Nascimento. Educação Física: da corporeidade à orientação afetivo-social. II Congresso Latino Americano de Esporte, Educação e Saúde no Movimento Humano. 30 de junho a 05 julho. Foz do Iguaçu: Universitária Unioeste, 1996.
- 17 MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo e mente: bases para a renovação e transformação da E.F.** 9ª ed. Coleção Krisis. Campinas: Papirus, 1990.
- 18 MOREIRA, Wagner Wey. **A construção do saber científico e a educação física: a abordagem fenomenologia de investigação da corporeidade**. II Congresso Latino Americano de Esporte, Educação e Saúde no Movimento Humano. 30 de junho a 05 julho. Foz do Iguaçu: Universitária Unioeste, 1996, p. 90-102.
- 19 _____. **Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica**. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1985.
- 20 RODRIGUES, Eduardo Magrone. **Ensino noturno de 2º grau: o fracasso da escola ou a escola do fracasso**. [S. I.]: Educação e Realidade, 1995.
- 21 SÁ, Adísia C. **Fundamentos científicos da comunicação**. In: MENEZES, Diatay B de,; TELES, Expedito *et al.* 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- 22 SANTIN, Silvino. **Corporeidade e motricidade humana**. II Congresso Latino Americano de Esporte, Educação e Saúde no Movimento Humano. 30 de junho a 05 julho. Foz do Iguaçu: Universitária Unioeste, 1996, p. 76;84.
- 23 _____. **Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijui, 1987.
- 24 SERRES, Michel. Os mares cartesianos. **Jornal Folhetim**, 1982, p. 12 e 19.
- 25 SKROCH, Erol Francisco. **Corporeidade: reflexão do corpo para a E.F. na escola**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1986. Monografia de Pós-Graduação.
- 26 THAYER, Lee Osborne. **Comunicação: fundamentos na administração nas relações interpessoais**. In: NASCIMENTO, Esdras do; COUTINHO, Sônia [tradução]. São Paulo: Atlas, 1972-1976, reimpressa.
- 27 UVINHA, Ricardo Picci. **Corpo adolescente e E.F.: encontros e desencontros**. II Congresso Latino Americano de Esporte, Educação e Saúde no Movimento Humano. 30 de junho a 05 julho. Foz do Iguaçu: Universitária Unioeste, 1996, p. 651,
- 28 WEIL, Piere. **O corpo fala a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. Petrópolis: Vozes, 1973.